

## Foucault, sexualidade e intimidade mediada pelo digital

Eduardo Antunes  
Universidade de Coimbra  
eduardo.antunes@fl.uc.pt

### Resumo

A sexualidade e a intimidade são cada vez mais mediadas pelo digital, o que possibilita a criação, desenvolvimento e fortalecimento de conexões, isto é, relações digitais. Por sua vez, a sexualidade e a intimidade são pilares da construção de identidade individual. A abordagem foucaultiana, sobretudo a presente na obra *História da Sexualidade* (1978), permite uma visão crítica às estruturas discursivas de poder heteronormativo. Neste trabalho procura-se seguir esse pensamento foucaultiano à luz dos advenços tecnológicos e consequentes mudanças nos usos, apropriações e interações com os média, em particular as plataformas digitais. Abordando criações digitais como plataformas online,

aplicações de encontros, reapropriações de outras plataformas ou pornografia online, chega-se a uma dualidade que só Foucault poderia esclarecer. Por um lado, sugere-se um novo expandir discursivo sobre sexualidade e intimidade. Por outro, também se aponta para o aumento da capacidade de controlo – nomeadamente autoimposto – e de vigia da proliferação digital. Instiga-se o desenvolvimento de outras reflexões sobre o panorama da sexualidade e da intimidade construídas através da mediatização digital – situação agudizada pelo distanciamento social resultante da pandemia da COVID-19 -, tendo por base as teorias de Foucault para um constante olhar crítico da sociedade.

Palavras-chave: Foucault; sexualidade; intimidade; mediatização; digital

## Foucault, sexuality and digitally mediated intimacy

### Abstract

Sexuality and intimacy are increasingly mediated by digital media, which makes it possible to create, develop and strengthen connections, i.e. digital relationships. In turn, sexuality and intimacy are pillars of the construction of individual identity. The Foucauldian approach, especially in *History of Sexuality* (1978), provides a critical view of heteronormative discursive power structures. This work seeks to follow this Foucauldian thinking in the light of technological developments and the consequent changes in the use, appropriation and interaction with the media, particularly digital platforms. Addressing digital creations such as online platforms,

dating apps, re-appropriations of other platforms or online pornography, we arrive at a duality that only Foucault could clarify. On the one hand, it suggests a new discursive expansion of sexuality and intimacy. On the other hand, it also points to the increased capacity for control - particularly self-imposed - and surveillance of digital proliferation. It encourages the development of further reflections on the panorama of sexuality and intimacy constructed through digital mediatization - a situation exacerbated by the social distancing resulting from the COVID-19 pandemic - based on Foucault's theories for a constant critical look at society.

Keywords: Foucault; sexuality; intimacy; mediatization; digital

Data de submissão: 2022-07-06. Data de aprovação: 2023-06-04.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.

## Introdução

**É** incontestável que os média impactam inúmeras facetas da vida de cada um de nós. A sexualidade e a intimidade não fogem a essa regra (Barker et al., 2018). Os média têm um papel importante na educação, mas esse papel é geralmente visto sobre uma tendência negativa no que toca à sexualidade e intimidade de adolescentes e jovens adultos (Brown & Bobkowski, 2011; Eyal & Kunkel, 2008). Tendência negativa essa que pode ou não implicar a existência de um viés conservador social face ao papel e contacto com a sexualidade e a intimidade. De tal forma que Greteman (2014) fala da existência de um estado de “fobia de intimidade” na educação, em particular nos Estados Unidos da América.

A tendência comum de mediatização do sexo do ponto de vista informativo e até educacional assume como padrão uma relação monogâmica heterossexual entre duas pessoas cisgénero. Livros de conselhos sexuais comumente falam de forma aberta do papel da intimidade sexual nesse tipo de relações (Attwood et al., 2015), excluindo-se todas as relações que não cabem nesse padrão normativo. Há aqui, portanto, a tendência da omissão ou de mera referenciação leve de relações assexuais, relações abertas a qualquer forma de não monogamia, ou relações entre pessoas LGBTQIA+ (Barker & Langdrige, 2010).

O trabalho algo arqueológico do filósofo francês Michel Foucault sobre a sexualidade e a intimidade de pessoas LGBTQIA+ trouxe contributos valiosos para reflexões sobre essa mesma sexualidade e intimidade na atualidade (Greteman, 2014), à luz da história de entendimentos discursivos sobre estas questões. De todo o modo, é importante apontar nesta fase inicial que falar de intimidade não implica que essa seja sexual, ou sequer romântica (Chambers, 2013).

Michel Foucault faleceu em 1984 em Paris, França, numa altura em que a sexualidade e a intimidade não eram tão mediatizadas e, sobretudo, não conheciam uma expressão digital como atualmente. É esse estado atual que se procura analisar com um olhar crítico neste trabalho, e que suscita inquietações como as seguintes: Qual seria a sua visão da gestão e mediação tecnológica de uma relação íntima? Qual seria a sua visão sobre plataformas criadas para juntar pessoas a um nível íntimo, sexual e, por vezes, romântico? Nomeadamente a plataformas que se focam apenas em pessoas LGBTQIA+, antes referidas e apontadas como “desviantes”, sobretudo desde a era vitoriana?

A ideia de que os contributos de Foucault continuam relevantes nos dias de hoje não é inovadora (Greteman, 2014) e é nesse seguimento intelectual que se procuram entendimentos acerca do pensamento foucaultiano da sexualidade e da intimidade mediatizadas pelo digital, tendo em conta que a mediatização temporalmente mais próxima da vivida por Foucault se deu sem a forte componente tecnológica do digital.

## Mediatização da Sexualidade e Intimidade

É incontornável associar Foucault a um olhar crítico sobre a tecnologia e a sua interligação na sociedade ocidental, porém o próprio Foucault não teve oportunidade de estudar a sociedade atual, onde a intimidade e a sexualidade são cada vez mais mediatizadas e reflexo de discursos tecnológicos. Se o ambiente digital seria mais desconhecido a Foucault, o mesmo não poderemos dizer da televisão. A televisão tem um papel que é estudado na relação entre exposição a conteúdo sexual televisivo e as expectativas e perceções dos jovens que consomem esse conteúdo (Eyal & Kunkel, 2008). Apesar de vivermos uma era de crescente digitalização, a televisão continua a ter uma forte presença na vida de cada um. Nesse sentido, é relevante a ideia de que a “maioria dos jovens adultos será exposta a muitas mensagens sobre sexo quando assistem televisão” (Eyal & Kunkel, 2008, p. 163), o que auxilia a que se entenda que a intimidade sexual tem uma marca fortemente presente em conteúdos altamente consumidos como são os conteúdos televisivos, que é de alguma forma inevitável para qualquer pessoa que faça o mínimo dos consumos de conteúdos mediáticos. A digitalização e a criação de novos média nos

últimos anos aumenta o leque de oportunidades desse consumo de conteúdos mediáticos, dificultando cada vez mais que não se entre em contacto com esses conteúdos (Brown & Bobkowski, 2011; Couldry, 2012). Aliás, estes novos média digitais trazem uma nova dimensão que é particularmente interessante ao estudo da intimidade mediada: a interação (Brown & Bobkowski, 2011; Couldry, 2012).

A digitalização aumentou a capacidade individual de se procurar conteúdos específicos sobre intimidade, quer sexual ou não. Capacidade essa de maior interatividade, permitindo tentativas de resposta das pessoas aos conteúdos e abrindo ainda espaço a que cada pessoa crie o seu próprio conteúdo e o partilhe (Attwood et al., 2015). Essa abertura surge sobretudo com as redes sociais (Chambers, 2013; Hart, 2015). Se pensarmos que as redes sociais partem, de uma forma geral, da premissa (até vaga) de conectar pessoas e estabelecer amizades, é relevante abordarmos a amizade na tentativa da compreensão da intimidade mediada. São as redes sociais que formalizam o laço de amizade entre duas pessoas, o tornam numa afirmação pública e até o contabilizam. E se, de facto, as redes sociais permitem que uma pessoa se conecte com outra imensamente distante geograficamente, a pesquisa mais recente aponta que a norma de utilização não passa por estabelecer uma vasta rede de contactos/amigos global, mas sim sobretudo por “manter ou aprofundar relações offline já existentes e por rastrear pessoas já conhecidas no offline” (Chambers, 2013, p. 9) – ideia corroborada por boyd (2008).

As redes sociais também aumentam as possibilidades de se constituírem vários conjuntos de laços frágeis entre pessoas (Chambers, 2013). Veja-se este conceito de “laços frágeis” como “o tipo de laços que existe entre pessoas que alguém conhece num contexto específico e limitado” e que “são boas fontes de novas informações” (Donath & boyd, 2004, p. 80). No entender de Chambers (2013), estas conexões que têm por base as redes sociais não serão a única realidade, por substituição ao contacto cara à cara, mais típico dos “laços fortes” (Donath & boyd, 2004). Vetere e restantes autores (2005) apontavam a importância e papel insubstituível do contacto cara à cara, afirmando que a tecnologia, sobre qualquer forma, nunca o substituirá por completo. Existe assim uma reapropriação da utilização das redes sociais sobretudo para o aprofundar de relações offline – ao contrário do que acontece com plataformas de encontros (Ranzini & Lutz, 2017) – e não para uma conexão enorme e global. Por isso, pode-se dizer que as redes sociais estendem as possibilidades para as conexões de intimidade (Chambers, 2013) e, de uma forma mais ampla, as conexões sociais de cada um (Donath & boyd, 2004). As conexões sociais de cada um, isto é, as relações de cada pessoa ganham o potencial de se enfortecerem e, nesse sentido, “quão mais íntima é a relação, mais plataformas de média são envolvidas no suporte dessa interação”, de tal forma que “o meio em si e a combinação de meios utilizados são um poderoso indicador do grau de intimidade envolvida e expressada” (Chambers, 2013, p. 165). Uma possível explicação passa pelo facto de as redes sociais se estarem a tornar inevitáveis e omnipresentes na vida de cada um de nós (Hart, 2015). Estas conexões nas redes sociais tendem a recair na identificação das mesmas como “amizades” pelas redes em si, o que pode conferir um carácter mais informal e casual a essas relações. Por sua vez, esta forma de se relacionar conecta-se à “ritualização da amizade” (Chambers, 2013), um conceito que passa pela proclamação pública de rankings de amizade e pela procura incessante em aumentar o número de amizades nas contas de redes sociais. De todo o modo, as redes sociais não têm apenas uma função de informalizar relações, sendo capazes de as intensificar e tornar mais duradoras (Chambers, 2013), nomeadamente no caso de relações amorosas à distância (Gutzmann, 2018).

Nesse caso de relações amorosas à distância, questionam-se os limites das mesmas, pois socialmente existe a noção de que uma relação existe quando é tangível, física, o que presume a proximidade geográfica (Kolozsvari, 2015). A distância geográfica entre pessoas define estruturalmente como a relação funciona (Gutzmann, 2018), sendo que a proximidade tende a levar a mais apoio de família e de amigos do que situações de relações amorosas à distância, o que por sua vez resulta em menor legitimidade social no caso destas últimas (Kolozsvari, 2015). Contudo, a falta de um espaço conjunto físico pode levar à criação – ou ao aprofundar – de um espaço digital que sustente a intimidade dessa relação, reinterpretando uma relação amorosa (Kolozsvari, 2015), dando algum conforto à mesma (Chambers,

2013). O mesmo se aplica a relações amorosas à distância entre pessoas que nunca se encontraram fisicamente (Kolozsvari, 2015). Isto é, aplica-se sobretudo a jovens (Hart, 2015) que conseguem contrariar o laço frágil criado através de uma conexão – rotulada de “amizade” – num meio digital como as redes sociais. Conexões essas criadas com alguém que vive geograficamente distante e que, com o tempo, vive emocionalmente próximo. Relações essas que, todavia, podem necessitar da transição para o offline para que sejam entendidas como legítimas, quer pela sociedade como até pelos próprios (Hart, 2015).

A crescente mediatização, cada vez mais digital, da construção, imaginação e ação relacionada com a intimidade, de acordo com Greteman (2014), não dificulta a compreensão destas relações. As relações íntimas sempre se caracterizaram pela complexidade, o que confere relevância aos exercícios que procuram contribuir para uma melhor compreensão da intimidade e da sexualidade de hoje. Michel Foucault, apesar de não ser um historiador, faz importantes recuos no tempo para melhores reflexões e compreensões da sociedade contemporânea. Contributos esses importantes para o corpo científico de um leque de disciplinas “da Filosofia à Sociologia, e da Psicologia à Linguística, enquanto que o seu impacto penetrou no espectro completo das Ciências Sociais” (Chouliaraki, 2016, p. 1). Para este trabalho ganha protagonismo o seu trabalho da *História da Sexualidade*, em particular o primeiro volume desse compêndio (Foucault, 1978).

### **Foucault: Sexualidade e Intimidade**

O exercício por vezes histórico e até arqueológico de Foucault procura gerar reflexões e contestações sobre aquilo que se considera como real e verdadeiro, explicando que essa ideia de “verdade” resulta sim, de um conjunto de processos históricos que não são inevitáveis, aconteceram de uma forma, como poderiam ter acontecido de outra. Desta forma, o acaso histórico molda os entendimentos atuais da vida, e Foucault chama por isso a atenção para como esses entendimentos não são assim inerentes ou naturais ao ser humano, mas sim resultados de contextos históricos (1978). De igual maneira, os entendimentos que regem como a intimidade se realiza e é aceite no espaço público são reflexos dos discursos sobre esses entendimentos em relação à intimidade e à sexualidade. É ainda relevante apontar a ideia de que os discursos sociais, não sendo naturais, também não são estanques, automáticos e imutáveis ao longo do tempo, são sim passíveis daquilo que chama de “mobilidade” tal como de “multiplicidade” (1978, p. 98). A noção foucaultiana de discurso entende-o como um conjunto de “práticas de produção de significado integradas em posições específicas de poder e que produzem versões específicas de subjetividade dessas posições” (Chouliaraki, 2016, p. 2).

Foucault apresenta a ideia de que a “sexualidade” é o nome dado a uma construção histórica (1978, p. 105) que resulta de anos, décadas e séculos de discursos sobre sexo, embarcada naquilo a que chamamos de “sexualidade”. É sobre esses discursos e entendimentos construídos historicamente sobre os quais se julga as vontades de agir sexualmente e os próprios atos de cada pessoa. É também desta forma que Foucault desafia a lógica de que a sexualidade de cada um é natural, sendo sim, no seu entender, entendida por conjuntos de camadas de discursos sociais sobre o sexo, que são fruto desse acaso histórico condicionado pelo funcionamento do poder na sociedade. Os discursos, sendo interiorizados pelas pessoas, são assim a evidência individualizada do poder, ultimamente, autoimposto num processo de subjetivação, definição e transformação do sujeito num constante jogo de semelhança e oposição a esses discursos de poder – tocando aqui no seu conceito de “biopoder” -, isto é, os “regimes de verdade” (Foucault, 1980), neste caso, sobre a “sexualidade”. Segundo o entendimento de Foucault, as próprias relações íntimas de cada um são, em si, relações de poder (1978, p. 103), espaços de transferências constantes de “sexualidade”.

Veja-se o exemplo da era vitoriana, sobre o qual Foucault contesta a usual narrativa de que é uma era que dita o início da repressão da sexualidade. Essa repressão é “emblemática daquilo que chamamos

de sociedades burguesas” de “uma era que talvez não tenhamos ultrapassado por completo” (1978, p. 17). A esta hipótese de datar a repressão da sexualidade à era vitoriana, Foucault chama de “hipótese repressiva”. Esse autor afirma que, na realidade, existiu sim uma “verdadeira explosão discursiva” à volta do sexo (1978, p. 17) inventada sobretudo à volta de quatro categorias de grupos de pessoas este-reotipadas: a “mulher histérica”, a “criança masturbadora”, o “adulto perverso” e o “casal malthusiano” (1978, pp. 104–105). Foucault afirma ainda que “era o tempo destas figuras, antes pouco notadas, darem um passo em frente e falarem, fazerem a difícil confissão de quem eram” (1978, p. 39). Esta ideia é relevante para a lógica de identidade que o próprio Foucault trabalha. Os momentos de confissão são assim centrais para a construção de identidade – quer pessoal como social, se seguirmos as definições de Giddens (2008). Este sentido de confissão ritualístico e, inicialmente pelo menos, religioso é importante ao ponto de Foucault definir a nossa sociedade como uma “sociedade de confissões” (1978, p. 59), mesmo que mudanças tenham transformado os lugares centrais de confissão do padre, ao psicanalista, aos média como os programas *talk-shows* de televisões e rádios. A confissão resulta do balanço de uma relação entre conhecimento e poder (1978, p. 70), no qual a escuta da verdade tem um poder que pode ser visto como algo “curativo” (Poletti, 2011, p. 26) e transformador para o indivíduo. Esta ideia de confissão como central para a construção de identidade leva-nos à ideia de que a construção da sexualidade e da identidade implica confissões, particularmente importantes quando essa sexualidade e identidade é vista como desviante, como por exemplo a homossexualidade (Giddens, 2008).

O exercício histórico de Foucault afirma que a homossexualidade surge numa série de discursos no século XIX (1978, p. 101), o que por sua vez não significa evidentemente que tenha sido “criada” nessa altura, mas sim que se criaram discursos à volta desta questão nessa altura. Não significa também que Foucault não esteja atento a que esse aumento discursivo sobre a homossexualidade tenha tornado possível um conjunto de robustos avanços no que toca ao controlo social desta área, vista à altura, como perversa e, por conseguinte, desviante. No mesmo sentido, hoje quando falamos dos restantes membros da comunidade LGBTQIA+ significa apenas que existe um conjunto de discursos substancialmente maior sobre estes do que, certamente, existiam na era vitoriana, ou até no século XX. E mais uma vez, não significa que as pessoas LGBTQIA+ tenham sido “criadas” hoje. Há, talvez, um vínculo a explorar entre o aumento discursivo e a construção identitária LGBTQIA+.

### Identidade através da Sexualidade e Intimidade Digital

A redução da realidade sexual “à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta, à sua legitimidade matrimonial falha, não tendo em conta o leque de objetivos e meios aplicados para diferentes políticas sexuais” (Foucault, 1978, p. 103). Para Foucault é também através do sexo e da expressão da sexualidade que cada indivíduo “tem acesso” à sua identidade (1978, pp. 155–156) e à “hermenêutica de si mesmo – introspeção, individualidade, confissão, verdade sexual, inteligibilidade e subjetividade” (Deutscher, 2012, p. 134). A digitalização dos espaços desta expressão de sexualidade pode gerar novas dinâmicas e entendimentos sobre os próprios processos de construção de identidade por relação com a sexualidade e até a intimidade.

Na gestão da intimidade relacional que se sustenta através do ciberespaço, do digital, é importante que o sentido de individualidade e identidade pessoal se faça por estes meios também, o que envolve um conjunto de interações simbólicas na expressão da identidade de cada um (Bell, 2001; Chambers, 2013). Tal como na sociedade geral fora do ciberespaço, essa apresentação pública da identidade não se faz livremente, sem constrangimentos mesmo que autoimpostos – o “biopoder” de Foucault. O ciberespaço cultiva e estimula a apresentação pública da identidade como se este fosse um espaço totalmente livre a

1. “Casal malthusiano” tem como referência a teoria de Thomas R. Malthus de que a “população tende a aumentar num ritmo mais rápido do que os seus meios de subsistência” (Merriam Webster, n.d.)

qualquer performance e expressão de identidade, porém os padrões socialmente aceites também entram no ciberespaço e modelam as interações entre pessoas (Chambers, 2013). De todo o modo, essa não é necessariamente a percepção dos utilizadores desses meios. Veja-se o caso do estudo de Hart (2015), em que os jovens estudados que utilizam o Tumblr o caracterizam como “cool” e como espaço onde podem construir e apresentar identidades e assim se conectarem e relacionarem com outros. Esse estudo aponta que os jovens têm um potencial interesse na construção de intimidade via plataformas online como o Tumblr (Hart, 2015). Fala-se aqui, deste modo, de uma reapropriação de espaços digitais (Chambers, 2013) para outros fins que não o seu original. Em concreto no estudo de Hart (2015), aborda-se uma reapropriação do Tumblr para satisfazer as necessidades de conexões íntimas de pessoas. Essas pessoas utilizam uma plataforma social opondo-se a criar e aprofundar conexões íntimas em plataformas de encontros/*dating*, até pela consciência que têm da comercialização destas últimas com base em “expectativas e atitudes face à intimidade” (2015, p. 203). Outra razão que possivelmente contribui para a reapropriação do Tumblr para conexões de intimidade, passa pelo caráter predominantemente heteronormativo das plataformas de *dating* (Ranzini & Lutz, 2017), o que reforça a legitimidade e atualidade dos contributos de Foucault (1978) sobre a “forma heterossexual” das experiências e vontades sexuais, mesmo neste contexto de sexualidade e intimidade digitalmente mediada. A apropriação de plataformas como o Tumblr ou até mesmo o Reddit permite outro tipo de resposta às necessidades íntimas das pessoas que não se reveem num modelo mais tradicional e normativo de namoro que as plataformas construídas para esse efeito oferecem, que carecem de autenticidade emocional, como pela presença ativa num grupo ou comunidade imaginada (Hart, 2015).

Esta questão da autenticidade é importante para o entendimento do uso das aplicações de encontros na criação e construção de relações íntimas. Hobbs, Owen e Gerber (2017) apontam, de acordo com o estudo que efetuaram, que as pessoas utilizam estratégias performativas nessas plataformas de encontros. De acordo com Ranzini e Lutz (2017), na utilização do Tinder, essa estratégia de apresentação de si mesmo resulta, em grande parte, dos motivos para a utilização dessa aplicação e da autoestima de cada pessoa. “Utilizadores com maior autoestima tendem a revelar versões de si próprio mais autênticas e menos enganadoras” (2017, p. 91). Cada pessoa apresenta-se de uma forma que vai além da sua noção de identidade de si, tornando-se uma versão mercantilizada de si próprio, à procura de um posicionamento semelhante ao das marcas, para maiores e melhores hipóteses de sucesso junto dos seus públicos (Hobbs et al., 2017; Krüger & Charlotte Spilde, 2020; Ranzini & Lutz, 2017). Plataformas como o Tinder são desenhadas e encaradas como um jogo, seguindo-se uma lógica de gamificação dessas plataformas (David & Cambre, 2016) ou até da sexualidade como um todo (Lupton, 2015). Aí, a estratégia tem um papel importante, inclusive na gestão da visibilidade do perfil, na sumarização do perfil (Ranzini & Lutz, 2017) e na multiplicidade de conversas e correspondências que se pode ter. Essa ideia de jogo reveste este tipo de plataformas de um descomprometimento que não implica uma grande dedicação e energia de quem as utiliza (Hobbs et al., 2017) já que é, ou pelo menos parece ser, inconsequente (Krüger & Charlotte Spilde, 2020).

O Tinder é a mais célebre das plataformas online de encontros, e apesar de oferecer opções de usos não limitadas a pessoas heterossexuais, é uma plataforma percebida como heteronormativa (Shaw & Sender, 2016). Nesse sentido, Ranzini e Lutz (2017, pp. 91–92) apontam que os utilizadores heterossexuais do Tinder tendem a fazer apresentações mais autênticas das suas próprias identidades por comparação com utilizadores LGBTQIA+, que afirmam podem sentir-se “mais autoconscientes sobre a sua apresentação” nessa plataforma, “podendo ser mais fácil apresentar uma identidade autêntica” em plataformas cujo foco sejam pessoas LGBTQIA+ como o Grindr. Em ambas as plataformas reforça-se a ideia da conexão digital de proximidade geográfica (Blackwell et al., 2015) e não tendencialmente global<sup>2</sup>,

2. Sendo assim referidas como apps LBRTD (*location-based real-time dating*) (Krüger & Charlotte Spilde, 2020; Ranzini & Lutz, 2017)

já que o objetivo é, frequentemente, que a conexão online passe para uma conexão íntima offline, seja sobre a forma de um relacionamento mais tradicional ou para apenas encontros casuais de cariz sexual (Hobbs et al., 2017). No caso de conexões mais íntimas e profundas, estas são realocadas digitalmente além destas plataformas de encontros (Krüger & Charlotte Spilde, 2020).

Quer o aumento deste tipo de plataformas online de encontros/*dating*, como a referida reapropriação de outras plataformas para o aprofundar da intimidade e sexualidade, podem ser entendidos como um aumento dos discursos sobre os imaginários de intimidade e sexualidade. Porém, e como esse aumento discursivo se media através de plataformas digitais, é necessário referir as abordagens foucaultianas do panótico e da sociedade moderna da (auto)vigilância (Foucault, 1991). Foucault estabelece uma comparação entre a sociedade moderna e o modelo prisional do panótico, onde a vigilância ganha um papel fulcral para o exercício dos “seus sistemas de controlo de poder e conhecimento” (Bonavitta, 2015, pp. 205–206). Aplicando este pensamento à sociedade de crescente digitalização, remete-se assim para a ideia da ubiquidade do *Big Brother* tecnológico, de tal forma que quando se fala de comunicação digital, há um outro grande debate a fazer que é o da tecnologia – neste caso, sobretudo algoritmos – de vigilância (Krasmann, 2017). Mesmo sem entrar em detalhe nesse debate, a questão do cumprimento de normas e formas reguladas de interagir com a sociedade por e através de tecnologias digitais como os smartphones, é uma forma possível de se pensar em manifestações do biopoder de Foucault na sociedade atual, até porque o objeto privilegiado desse biopoder estudado passa pela sexualidade. Nesse sentido, as identidades digitais revelam-se de grande importância - sendo construções características da atualidade (Krasmann, 2017) - nomeadamente, para o desenvolvimento da sexualidade e intimidade de forma mediada.

### **Sexualidade e Intimidade Mediada pelo Digital**

O conceito de intimidade é visto, tradicionalmente, segundo modelos ocidentais, como “proximidade, familiaridade e privacidade derivado do latim *intimatus*, *intimare* ‘tornar conhecido’ ou *intimus*” (David & Cambre, 2016, p. 1), porém a associação do conceito de intimidade a aplicações LBRTD (*location-based real-time dating*) como o Tinder, implica que se associe ideias da casualidade, leveza e até fragilidade como apresentadas por Chambers (2013) ou Hart (2015) anteriormente (David & Cambre, 2016). Há, assim sendo, também uma renegociação e redefinição dos discursos sobre intimidade, redefinindo-se o conceito de “intimidade” em si, devido às aplicações LBRTD, o que também mostra o impacto que tiveram e têm na forma como as relações sociais e íntimas se constroem atualmente. Apesar dessa dualidade do conceito de “intimidade” que implicou inclusive essa redefinição e renegociação, já no início do século XXI (Vetere et al., 2005) se falava de um grande interesse em tornar a intimidade, como a conhecíamos, em algo mediado. Vetere e restantes autores (2005, p. 475) ressaltam, por força do estudo que efetuaram, que “‘compromisso’ é um antecedente ou uma pré-condição da intimidade”, enquanto que “ser ‘emocional’ é melhor considerada como uma expressão da intimidade”.

No que toca aos usos de aplicações LBRTD ou qualquer tipo de plataformas de encontros, Hobbs, Owen e Gerber (2017) ressaltam uma tendência significativamente maior de utilização destas em americanos LGBTQIA+ do que em americanos heterossexuais. Essa tendência talvez se justifique pela ideia de espaço livre e seguro para conexões de intimidade homossexual masculina que o digital trouxe (Blackwell et al., 2015; Hobbs et al., 2017), deduzindo daí comportamentos da restante comunidade LGBTQIA+. Apesar de não se reduzirem a isso, as aplicações LBRTD habilitam encontros casuais, imediatos e sexuais, num equilíbrio entre esfera pública e privada que permite que pessoas homossexuais utilizem aplicações, sobretudo aquelas focadas no público LGBTQIA+ como o Grindr. Nesse sentido, essas pessoas ganham algum sentido de liberdade e segurança percebida, já que estas aplicações misturam os espaços físicos e virtuais e permitem diferentes tipos de visibilidade e expressão para diferentes pessoas (Blackwell et al., 2015).

Ranzini e Lutz (2017) apontam que as mulheres utilizam mais o Tinder para construir relações de amizade e para autovalidação, enquanto que os homens utilizam essa aplicação com propósitos de encontros de cariz sexual, para arranjar companhias para viagens ou para encontrar e começar relações. E ainda sobre os usos de plataformas digitais, indo além das aplicações LBRTD ou de qualquer tipo de plataformas de encontros, Hart (2015) sugere que o uso de plataformas como o Tumblr por jovens para a exploração de conexões íntimas é importante para gerir os sentimentos de isolamento social com um apoio percebido. Os espaços online são usados e entendidos pelos jovens como esses espaços de conforto, mas também como espaços onde podem encontrar conselhos, dicas e ouvir as experiências de outros (Attwood et al., 2015), de forma a melhorar a sua intimidade quer nos ecrãs como fora destes.

A intimidade mediada no seu prisma mais sexual e sexualizado leva a que se aborde, também, o papel da pornografia online nessa mediação digital, até porque esta se tem tornado num dos tópicos mais procurados e consumidos online no geral, apesar de primariamente e ainda sobretudo ser criada para consumidores masculinos cisgénero heterossexuais (Popovic, 2011). Além de ser tipicamente heteronormativa, a pornografia tende a objetificar a sexualidade feminina como “organizada à volta da vulnerabilidade, passividade, incompetência, suavidade, narcisismo e masoquismo” (Benjamin & Tlusten, 2010, p. 601). A literatura aponta que o alto consumo de pornografia pode estar relacionado com o medo da intimidade, em associação a outros fatores como a baixa autoestima e a ansiedade social (Popovic, 2011). Para além destes motivos é relevante indicar que os resultados do estudo de Popovic (2011) revelam que são os jovens homens quem mais consome pornografia online, o que leva a maiores receios da comunidade educacional sexual sobre os efeitos da pornografia nas pessoas, nomeadamente nos jovens (Attwood et al., 2015). De regresso à questão da intimidade, ao se analisar a vontade de consumir pornografia como uma possível extensão e expressão da procura pela intimidade online, de acordo com o estudo de Popovic (2011), os utilizadores de pornografia online não revelam desejos e vontades expressas por intimidade inferiores a quem não consome pornografia. Essa possível procura e necessidade maior de intimidade entre utilizadores de pornografia face a não utilizadores (Popovic, 2011) corrobora a ideia de construção social predominante da pornografia como desassociada da intimidade (Benjamin & Tlusten, 2010).

A pandemia da COVID-19 trouxe um contexto de obrigatório distanciamento social que alterou a maneira como as pessoas se conectam, afetando assim a forma como a intimidade, mais do que nunca, precisou de ser mediada para poder existir. Isto também significou um aumento generalizado do consumo de pornografia online (Banerjee & Rao, 2021; Mestre-Bach et al., 2020; Zattoni et al., 2020), inclusive criando-se categorias relativamente populares de conteúdo pornográfico sobre a pandemia (Banerjee & Rao, 2021; Zattoni et al., 2020). Num estudo de Rodrigues (2021), efetuado em Portugal sobre os usos e consumos de conteúdos pornográficos afetados com a pandemia, encontram-se perturbações no desejo sexual dos participantes desde o início da pandemia, mas também se apontou a possibilidade “(...) de parte destes terem procurado mitigar os efeitos da pandemia nas suas vidas sexuais, utilizando a pornografia online individualmente ou até no contexto de relações”. Indo além da pornografia, as interações sexuais mediadas online – que vão do *cybersex* ao *chat/cam sex* a *sexting*, entre outras formas de troca de conteúdo de cariz íntimo e sexual – podem ser uma das respostas a essa necessidade de estabelecer ou aprofundar intimidade, neste caso particularmente sexual, entre pessoas. Esse que é um objetivo particularmente dificultado pela pandemia. Em todo o caso, a sociedade assiste ao expandir discursivo da sexualidade não só mediada pelo digital, como até, por vezes, centralizada nessa interação digital e tecnológica.

Inclusive, um outro aspeto interessante no sentido de contrariar a norma de poder sobre intimidade e sexualidade é que essa ideia de expressar intimidade sexual de modo digital pode ser vista com um carácter revolucionário e contestatário, sobretudo nalgumas culturas onde estas expressões são consideradas não só não normativas, mas concretos tabus e formas desviantes e até perseguidas da norma íntima e sexual (Banerjee & Rao, 2021). É também este espaço mediado digital de interações íntimas e

sexuais um espaço que permite moldar o imaginário de cada um sobre o que é e pode ser a sexualidade, o que acaba por ser a intimidade e que, até possibilita maior fluidez nos processos de identidade próprios de cada pessoa (Ashford, 2009), reforçando a conexão apontada por Foucault entre a exploração da sexualidade e da intimidade para o desenvolvimento da identidade pessoal (1978).

## Discussão

Este artigo aborda a crescente tendência da digitalização da vida íntima e sexual – hoje agudizada pelo distanciamento social que acompanha a pandemia da COVID-19. Essa tendência da digitalização acompanha a generalidade das demais facetas da vida de cada pessoa, em especial dos jovens, que interagem com as tecnologias digitais de tal forma que estas se podem tornar extensões centrais na sua vida (Jenkins et al., 2016). A digitalização moldou os regimes de intimidade e os regimes de verdade (Schwarz, 2011), utilizando a terminologia dos “regimes de verdade” referida por Foucault (1980). Essa digitalização trouxe também o surgimento e crescimento de aplicações de encontros LBRTD, como o Tinder ou o Grindr. A primeira tem um público mais generalista, acabando por ser entendida como heteronormativa. Isto, em parte, leva à utilização do Grindr ou de outras aplicações cujo foco sejam pessoas LGBTQIA+ por pessoas dessa mesma comunidade, por aí poderem declarar e construir a sua identidade de uma forma mais autêntica e menos restringida pelas normas de poder da sociedade (Ranzini & Lutz, 2017). Há ainda uma tendência de reapropriação de outras plataformas digitais de fins que não os seus originais para fins de desenvolvimento da intimidade e da sexualidade, ou ainda para a construção e apresentação das suas identidades através das conexões e relações de cariz íntimo e sexual (Chambers, 2013; Hart, 2015). Essa reapropriação pode ser vista como contestatória às estruturas e aos discursos de poder referidos por Foucault (1978).

Poderia sugerir-se que a sociedade está perante uma liberalização sexual quando se fala da digitalização da mediatização da intimidade e sexualidade, do papel da comunicação online, do Tinder, do Grindr, da reapropriação do Tumblr e outras plataformas, da pornografia online, entre outros canais digitais relacionados com estas questões. Contudo, a visão crítica de Foucault indica, inclusive à comunidade científica, que o papel da tecnologia na gestão da intimidade e da sexualidade tem como denominador comum o contínuo controlo sobre os corpos vivos (1978) das estruturas e discursos de poder. De tal forma que, de acordo com a leitura de Bonavitta (2015, p. 206), Foucault “concebe o discurso sexual e a liberdade sexual ‘alcançada’ nas últimas décadas como um dispositivo falso, que pretende distrair do que deve ser verdadeiramente objeto de luta na nossa sociedade: o controlo sobre os nossos próprios corpos, sobre os nossos desejos e paixões”.

É possível reduzir este trabalho a um exercício algo especulativo sobre a visão de Foucault do papel atual da mediatização digital da intimidade e da sexualidade, tendo em conta que o próprio faleceu há quase quatro décadas e, por isso, como é evidente, não observou estas criações tecnológicas referidas e outras mais. Porém, Foucault deixou um robusto corpo científico importante numa panóplia de disciplinas científicas (Chouliaraki, 2016). Desse modo, o corpo científico deste trabalho que efetua uma leitura foucaultiana da sociedade aponta para a ideia de que o próprio poderia falar de uma dualidade crítica sobre a situação atual da mediatização digital da intimidade e da sexualidade (e, por consequência, da identidade). Por um lado, todas as criações tecnológicas digitais referidas poderiam apontar num sentido de proliferação de novos discursos sexuais e de novas possibilidades de se estabelecerem conexões mais ajustadas tecnologicamente às suas necessidades (Attwood et al., 2015; Barker et al., 2018; Chambers, 2013; Gutzmann, 2018; Hart, 2015). Isto, por sua vez, estimula o desenvolvimento da sexualidade e intimidade, talvez os pilares mais centrais e profundos naquilo a que chamamos de identidade segundo Foucault (1978). Todavia, por um outro lado, essa referida proliferação digital reforça os receios de Foucault com a lógica da sociedade em que as estruturas de poder estão, de alguma forma, dissimuladas e menos visíveis, existindo uma vivência em jeito de constante vigia como no exemplo do

panótico (1991). Nesse sentido, o controle é constantemente reforçado e autoimposto na concordância da vida das pessoas com as dinâmicas digitais (Chambers, 2013) que, cada vez mais, ditam a existência e o fortalecimento das conexões e relações de cada um (Bonavitta, 2015; Krasmann, 2017).

Apesar de aparentemente não ser possível um entendimento unânime na academia sobre o pensamento foucaultiano no que toca à tendência de crescente mediatização digital da sexualidade e da intimidade, é sobretudo relevante utilizar Michel Foucault como orientador de um complexo pensamento crítico particularmente atento às estruturas de poder. As problemáticas da intimidade e da sexualidade, apesar de não se esgotarem nas questões das estruturas de poder e de controle, não fogem a essas delimitações de poder. Também daí continuarem a ser pertinentes inquietações, inclusive no meio acadêmico, mesmo que tenham de partir de um exercício algo especulativo ao qual nunca surgirão respostas definitivas, dado que o próprio Foucault faleceu há quase quatro décadas, sem hipóteses de conhecer a panóplia de tecnologias digitais presentes no dia a dia de uma grande parte da população, transpondo e mediando as interações de cada um, sobre diversos contextos possíveis. Desta forma, e apesar dessa impossibilidade, sugere-se e incentiva-se o contínuo desenvolvimento de trabalhos científicos que façam reflexões à luz do pensamento foucaultiano sobre estas questões aqui abordadas da sexualidade e da intimidade, analisadas à luz da tecnologia digital dos dias de hoje e, quem sabe, de um possível futuro ainda mais digitalizado.

### Referências Bibliográficas:

- Ashford, C. (2009). Queer theory, cyber-ethnographies and researching online sex environments. *Information and Communications Technology Law*, 18(3), 297–314. <https://doi.org/10.1080/13600830903424734>
- Attwood, F., Barker, M. J., Boynton, P., & Hancock, J. (2015). Sense about sex: media, sex advice, education and learning. *Sex Education*, 15(5), 528–539. <https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1057635>
- Banerjee, D., & Rao, T. S. S. (2021). “#Intimacy” at Times of COVID-19: The Renewed Impetus Behind Cybersex. *Journal of Psychosexual Health*, 3(1), 13–17. <https://doi.org/10.1177/26318318211004397>
- Barker, M. J., Gill, R., & Harvey, L. (2018). Mediated intimacy: Sex advice in media culture. *Sexualities*, 21(8), 1337–1345. <https://doi.org/10.1177/1363460718781342>
- Barker, M. J., & Langdrige, D. (2010). *Understanding Non-Monogamies* (23rd ed.). Routledge. [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=h8WLAqAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Barker,+M.,+and+D.+Langdrige,+eds.+2010.+Understanding+Non-Monogamies.+New+York:+Routledge&ots=Ucn3VnGSTh&sig=Do1HO1EBFeW3KtCT0exrYXeE1LU&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Barker%2C M.%2C](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=h8WLAqAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Barker,+M.,+and+D.+Langdrige,+eds.+2010.+Understanding+Non-Monogamies.+New+York:+Routledge&ots=Ucn3VnGSTh&sig=Do1HO1EBFeW3KtCT0exrYXeE1LU&redir_esc=y#v=onepage&q=Barker%2C M.%2C)
- Bell, D. (2001). *An introduction to cybercultures*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203192320>
- Benjamin, O., & Tlusten, D. (2010). Intimacy and/or degradation: Heterosexual images of togetherness and women’s embracement of pornography. *Sexualities*, 13(5), 599–623. <https://doi.org/10.1177/1363460710376492>
- Blackwell, C., Birnholtz, J., & Abbott, C. (2015). Seeing and being seen: Co-situation and impression formation using Grindr, a location-aware gay dating app. *New Media and Society*, 17(7), 1117–1136. <https://doi.org/10.1177/1461444814521595>
- Bonavitta, P. (2015). El amor en los tiempos de Tinder. *Cultura y Representaciones Sociales*, 10(19), 197–210.
- boyd, danah. (2008). Why Youth (Heart) Social Network Sites The Role of Networked Publics in Teenage Social Life. In D. Buckingham. (Ed.), *YOUTH, IDENTITY, AND DIGITAL MEDIA. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning*. (pp. 119–142). The MIT Press. <https://ssrn.com/abstract=1345415>

- Brown, J. D., & Bobkowski, P. S. (2011). Older and Newer Media: Patterns of Use and Effects on Adolescents' Health and Well-Being. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 95–113. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00717.x>
- Chambers, D. (2013). Social media and personal relationships: Online intimacies and networked friendship. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/9781137314444>
- Chouliaraki, L. (2016). Foucault, Michel. *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy*, 1–5. <https://doi.org/10.1002/9781118766804.wbiect236>
- Couldry, N. (2012). *Media, Society, World: Social Theory and Digital Media Practice*. Polity.
- David, G., & Cambre, C. (2016). Screened Intimacies: Tinder and the Swipe Logic. *Social Media and Society*, 2(2), 1–11. <https://doi.org/10.1177/2056305116641976>
- Deutscher, P. (2012). Foucault's History of Sexuality, Volume I, Re-reading its Reproduction. *Theory, Culture & Society*, 29(1), 119–137. <https://doi.org/10.1177/0263276411423772>
- Donath, J., & Boyd, D. (2004). Public displays of connection. *BT Technology Journal*, 22(4), 71–82. <https://doi.org/10.1023/B:BTTJ.0000047585.06264.cc>
- Eyal, K., & Kunkel, D. (2008). The effects of sex in television drama shows on emerging adults' sexual attitudes and moral judgments. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 52(2), 161–181. <https://doi.org/10.1080/08838150801991757>
- Foucault, M. (1978). *The History of Sexuality, Volume 1: An Introduction* (Vol. 1). Pantheon Books.
- Foucault, M. (1980). *Power/knowledge. Selected interviews and other writings 1972-1977* (C. Gordon (ed.)). Pantheon Books.
- Foucault, M. (1991). *Discipline & Punish: The Birth of the Prison*. Vintage Books.
- Giddens, A. (2008). *Sociologia* (6ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Greteman, A. J. (2014). Beyond Intimaphobia: Object lessons from Foucault and Sade. *Educational Philosophy and Theory*, 46(7), 748–763. <https://doi.org/10.1080/00131857.2013.792724>
- Gutzmann, L. (2018). Utilization of Social Media in Strengthening Communication in Long Distance Relationships. In *Master of Social Work Clinical Research Papers*. [https://sophia.stkate.edu/msw\\_papers/860](https://sophia.stkate.edu/msw_papers/860)
- Hart, M. (2015). Youth Intimacy on Tumblr: A Pilot Study. *Young*, 23(3), 193–208. <https://doi.org/10.1177/1103308815577878>
- Hobbs, M., Owen, S., & Gerber, L. (2017). Liquid love? Dating apps, sex, relationships and the digital transformation of intimacy. *Journal of Sociology*, 53(2), 271–284. <https://doi.org/10.1177/1440783316662718>
- Jenkins, H., Ito, M., & Boyd, D. (2016). *Participatory culture in a networked era: a conversation on youth, learning, commerce, and politics*. Polity Press.
- Kolozsvari, O. (2015). “Physically we are apart, mentally we are not”. Creating a shared space and a sense of belonging in long-distance relationships. *Qualitative Sociology Review*, 11(4), 102–115. <https://doi.org/10.18778/1733-8077.11.4.05>
- Krasmann, S. (2017). Imagining Foucault. on the digital subject and “visual citizenship.” *Foucault Studies*, 23, 10–26. <https://doi.org/10.22439/fs.v0i0.5339>
- Krüger, S., & Charlotte Spilde, A. (2020). Judging books by their covers—Tinder interface, usage and sociocultural implications. *Information Communication and Society*, 23(10), 1395–1410. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1572771>
- Lupton, D. (2015). Quantified Sex : A Critical Analysis of Sexual and Reproductive Self-tracking Using Apps. *Culture, Health and Sexuality*, 17(4), 440–453. <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.920528>
- Merriam Webster. (n.d.). *Malthusian*. Retrieved January 3, 2022, from <https://www.merriam-webster.com/dictionary/Malthusian>

- Mestre-Bach, G., Blycker, G. R., & Potenza, M. N. (2020). Pornography use in the setting of the COVID-19 pandemic. *Journal of Behavioral Addictions*, 9(2), 181–183. <https://doi.org/10.1556/2006.2020.00015>
- Poletti, A. (2011). Intimate Economies: “PostSecret” and the Affect of Confession. *Biography*, 34(1), 25–36. <https://doi.org/10.1353/bio.2011.0000>
- Popovic, M. (2011). Pornography Use and Closeness with Others in Men. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 449–456. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9648-6>
- Ranzini, G., & Lutz, C. (2017). Love at first swipe? Explaining Tinder self-presentation and motives. *Mobile Media and Communication*, 5(1), 80–101. <https://doi.org/10.1177/2050157916664559>
- Rodrigues, D. L. (2021). Solitary and joint online pornography use during the first COVID-19 lockdown in Portugal: Intrapersonal and interpersonal correlates. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 15(4). <https://doi.org/10.5817/CP2021-4-2>
- Schwarz, O. (2011). Who moved my conversation? Instant messaging, intertextuality and new regimes of intimacy and truth. *Media, Culture & Society*, 33(1), 71–87. <https://doi.org/10.1177/0163443710385501>
- Shaw, A., & Sender, K. (2016). Queer technologies: affordances, affect, ambivalence. *Critical Studies in Media Communication*, 33(1), 1–5. <https://doi.org/10.1080/15295036.2015.1129429>
- Vetere, F., Gibbs, M. R., Kjeldskov, J., Howard, S., Mueller, F., ‘Floyd,’ Pedell, S., Mecolet, K., & Bunyan, M. (2005). Mediating intimacy: designing technologies to support strong-tie relationships. *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 471–480. <https://doi.org/10.1145/1054972.1055038>
- Zattoni, F., Gül, M., Soligo, M., Morlacco, A., Motterle, G., Collavino, J., Barneschi, A. C., Moschini, M., & Moro, F. D. (2020). The impact of COVID-19 pandemic on pornography habits: a global analysis of Google Trends. *International Journal of Impotence Research*. <https://doi.org/10.1038/s41443-020-00380-w>

\* Este artigo enquadra-se no âmbito de um projeto financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia: MyGender – Práticas mediadas de jovens adultos: promover justiça de género nas e através de aplicações móveis, com a referência PTDC/COM-CSS/5947/2020, e DOI: 10.54499/PTDC/COM-CSS/5947/2020.